

O JORNAL MAIS ANTIGO DO CONCELHO DE AVEIRO

Avonça

Redacção, Administração e Oficinas
Rua da Paz — Quinta do Loureiro
CACIA — Telef. 91118

Proprietário, Director e Administrador
MANUEL DAMIÃO
Sucessor de José Marques Damião

Editor
António da Costa Pinto
Redactor principal
ANIBAL CRUZ

Fundador: J. J. Nunes da Silva

ARMISTÍCIO 1918-1962

PELO

Capitão Mantas Massano

QUANDO há 44 anos foi declarado o armistício que pôs termo à conflagração mundial de 1914-1918, houve muitos olhos derramando lágrimas de tristeza, enquanto outros deixavam correr em grande caudal lágrimas de alegria. Uma perfeita combinação de saudade e alegria dos que ficaram para sempre caídos em terras de ninguém e pelos que voltaram para junto dos seus parentes e amigos. Muitos voltaram cegos e mutilados pela metralha, pelos seus estilhaços que, sem indicação de nomes ou números dos alvejados, partiam com um único fim: matar. Mas voltaram, sentiram bem os beijos e os abraços de quantos haviam perdido a esperança do seu regresso ao lar. Os que tombaram para sempre — esses pedaços de carne esfarrapada e os ossos esmagados, ficaram ao abandono, até que os abutres fizessem desaparecer os seus despojos!

O egoísmo mais uma vez se desembaraçara da máscara que lhe encobre o rosto e extremaram-se os campos onde se juntariam os gladiadores para uma luta de irmãos contra irmãos, ferindo e matando

às cegas, em defesa da bandeira da Pátria que serviam. Em 1914 souo o clarim nos quartéis de vários países, mandando avançar os seus soldados, que iriam expor-se às balas inimigas, em nome desse monstro horrroso que se chama «guerra».

Em 1916, Portugal como velho aliado da Inglaterra, entrou nela também.

Movimentaram-se os quartéis, fizeram-se preparativos, abreviando-se a partida para os campos de batalha, para onde milhares dos nossos soldados partiriam na incerteza do regresso à Pátria e no dia destinado... partiram.

Não puderam deixar o coração, mas o coração dos que ficaram não mais teve cadência; o seu bater desordenado confundia-se com o tumultuar de tristes pensamentos a atormentar os olhos, que deixavam correr lágrimas conflagradas e sem fim.

A batalha foi dura, crua, brutal, selvagem. Não houve tempo para tratar dos vivos nem enterrar os mortos. Ensurdecidos pelo troar forte e irritante dos canhões — durante os dias e as noites — mal alimentados, as roupas em farrapos, não pareciam seres hu-

manos que estavam ali, mas sim uns autómatos que qualquer mola invisível fizesse movimentar.

Do Minho até ao Algarve os campos ficaram desertos; aqueles braços vigorosos, que antes manejavam as enxadas, empunhavam então as armas que lhes entregaram para combater o inimigo e os seus corpos eram amplos alvos para os canhões.

No maior fragor da batalha, esses soldados eram como loucos e desesperados matavam e feriam, enquanto não tombassem mortos também ou mutilados para sempre.

Se em terra a batalha foi dura, cruel, no mar foi dura também.

Dos navios que Portugal aprisionara aos alemães, alguns foram fretados à França e Inglaterra, onde foram armados com um pequeno canhão.

Os homens da nossa marinha mercante seguiram neles, posto que, à popa dos navios flutuava a bandeira portuguesa.

A guerra submarina atingira o auge do seu fragor e numa luta desigual os nossos oficiais e marinheiros defendiam-se com galhardia, apesar de assistirem ao trágico espectáculo

dado pelos seus companheiros que não caíam no chão duro da terra firme, mas ficavam boiando mutilados ou mortos ao sabor do mar, que tantas vezes os salvara da dureza das tempestades, mas não pôde salvá-los da dureza da crueldade do monstro da «guerra».

Houve tantas cenas de tragédia e tristeza, como actos de indescritível bravura, autêntica epopeia.

Se nos campos de batalha, onde a bravura dos soldados fora posta à prova, a própria atmosfera parecia taldar-se, para que aqueles homens não pudessem servir de espelho uns aos outros, tais as condi-

Conclui na 2.ª página

veira e Silva e Oscar Petinga apresentam uma exposição sobre «Gestão da Empresa Agrícola». Os srs. Eng. Agr.º Cortez Lobão, Correia da Cunha e Santos Varela apresentam um estudo sobre «Planeamento Regional», seguido de discussão geral.

Por último, realiza-se uma sessão de encerramento com a presença do Sr. Secretário de Estado da Agricultura.

O centenário de José Estêvão

E decorrido já um século da morte do grande tribuno José Estêvão Coelho de Magalhães, o mais ilustre e prestimoso aveirense de todos os tempos, fluente orador e parlamentar de raro talento, que à causa do liberalismo português prestou assinalados serviços.

A sua figura moral, o seu exemplo constituíram um paradigma para os aveirenses, que o consideram o seu patrono cívico e lhe têm dedicado culto constante e inalterável. Para além dos altos benefícios que a cidade lhe ficou devendo, a admiração pela sua vida de lutador, intrépido e tolerante, de orador inextinguível, de homem de generosos ideais, constitui uma constante dos sentimentos colectivos da população aveirense.



A estátua de José Estêvão Coelho de Magalhães, erigida na Praça da República, em Aveiro

Como estava anunciado, realizaram-se na cidade de Aveiro, no sábado e domingo últimos, as comemorações do primeiro centenário da morte de José Estêvão Coelho de Magalhães, promovidas pela Comissão Municipal de Cultura, que decorreram com assinalado civismo.

As comemorações começaram com um cortejo cívico, que se organizou no Largo do Mercado e que teve numerosa assistência a presenciá-lo em todo o percurso.

De muitas sacadas e janelas pendiam colgaduras e alguns edifícios estavam embandeirados, especialmente a Câmara Municipal, Clube dos Galitos e outras colectividades. Os sinos da torre dos Paços do Concelho repicaram festivamente como é de uso nos dias festivos.

O cortejo abria com a Banda de Música da Vista Alegre, que em todos os grandes actos liga-

dos a José Estêvão sempre esteve presente em Aveiro, seguindo-se o estandarte municipal, o chefe do distrito, sr. dr. Fernando Marques, o presidente da Câmara sr. eng.º Henrique Mascarenhas, as duas únicas individualidades condecoradas com a medalha de ouro, srs. drs. Francisco do Vale Guimarães e Alvaro Sampaio, antigos governador civil e presidente da Câmara, vereação, capitão do porto, comandante militar, presidente da Junta Distrital, reitor do Liceu, director da Escola Técnica, comandante da G.N.R. e numerosas outras entidades oficiais e pessoas de representação local.

Desfilaram depois as corporações dos Bombeiros Voluntários de Aveiro e de Ihavo, a Banda Eixense, colectividades de recreio e desportivas, estudantes do Liceu Nacional e da Escola Industrial e Comercial e formações da Mocidade Portuguesa, masculina e feminina; os internados do Asilo Escola Distrital; representações dos grupos folclóricos Infantil de Cacia e «Tricanas de Aveiro»; e uma enorme multidão de gente de todas as classes sociais, fechando com a Banda Amizade.

O cortejo desfilou pela Avenida Dr. Lourenço Peixinho e deteve-se na Praça da República, sendo a estátua de José Estêvão rodeada pelos numerosos estandartes que nele se incorporaram.

Subiu, então, a um estrado montado junto da estátua o sr. Dr. Francisco do Vale Guimarães, que proferiu um brilhante discurso.

Começou por referir-se à permanência dos sentimentos aveirenses para com o Tribuno e o seu ideário e a influência que exerceu na sua formação cívica.

«Aqui estou para o rememorar ao povo de Aveiro e dizer com todos: Fostes o maior dom da nossa terra e dela permaneces a maior glória».

Fez a seguir o elogio da oratória, afirmando que José Estêvão ocupou lugar entre os maiores do mundo.

Recordou o que dele disseram os que no decorrer de cem anos ascenderam à galeria dos magos da oratória, o voto unânime da câmara dos deputados, de reverter a sua cadeira de crepes durante oito dias, caso único na

Conclui na 2.ª página

Investigador X

Os técnicos da Junta de Colonização Interna

estão a realizar reuniões de estudo de 8 a 16 do corrente

A Junta de Colonização Interna está a realizar um encontro do seu pessoal técnico, com a duração de uma semana, destinado a estudar os problemas da moderna técnica agrícola e a promover um aperfeiçoamento e uma actualização de conhecimentos.

A reunião incluiu-se ontem, dia 9 com uma sessão de trabalhos no Centro de Colonização de Gaiánha. O sr. Eng. Agr.º Sieuve Al nso, Inspector-Chefe da Junta, fez uma exposição sobre os objectivos do encontro. Seguidamente, o sr. Eng. Agr.º Manuel Lopes Cordeiro iniciou um debate sobre problemas da mecanização agrícola. Os técnicos dirigiram-se seguidamente às obras em curso no perímetro da Vieira do Norte (Mira), expondo o sr. Eng. Agr.º Carlos Torres alguns problemas relacionados com o sistema de exploração pecuária ali utilizado; aquele Técnico apresentou ainda alguns elementos sobre zootecnia industrial.

As sessões de trabalhos prosseguem hoje e amanhã, nas Herdades da Goux, (concelho de Alparça) Gagos e Mouchão do Inglês (concelho de Almarim) e

Oirvaz (concelho de Montijo). Na segunda-feira, dia 12, realizam-se sessões de estudo em Lisboa, sendo debatidos assuntos relacionados com a assistência prestada à Lavoura através da Lei de Melhoramentos Agrícolas. Os srs. Eng. Agr.ºs Oliveira e Silva e José de Oliveira fazem uma exposição sobre «Novos métodos para o dimensionamento das explorações familiares», seguindo-se discussão geral sobre o tema apresentado.

Durante a semana, efectua-se reuniões de trabalho no Centro de Colonização de Pêgões, Herdade dos Lameirões (Mours) e Herdade da Revilheira (Reguengos de Monsaraz). No dia 14, na Herdade dos Lameirões, os srs. Eng. Nuno Folque, Mendonça Assunção e Rocheta Casiano apresentam uma exposição sobre os planos de exploração e valorização da Herdade e instalação de explorações-piloto.

A reunião termina em Lisboa, no dia 16. Após uma nova sessão de estudo sobre Melhoramentos Agrícolas, em que serão analisados particularmente alguns problemas actuais do financiamento, os srs. Eng. Agr.ºs Oli-

(de Lãs para tricot
Depósito (e das Malhas «Aefe»

ARMÉNIO

Preços especiais
para revendedores e Peirantes

Rua Agostinho Pinheiro, 31 — AVEIRO
— Telef. 28575 PPC —

ARMISTÍCIO

Conclusão da 1.ª página

ções miseráveis em que estavam transformados: esfarrapados, as carnes estaceladas, os corpos mutilados e corpos já mortos e pisados pelos seus companheiros de *infelizmente* luta, no mar foi também um verdadeiro inferno: a força invencível das vagas e a força brutal, estúpida e cruel dos canhões contra navios mal armados para defesa das suas tripulações. Os navios, completamente às escuras, confundiam-se com o negrume da noite.

E foi assim que os portugueses sofreram tão cruento martírio até ao dia 11 de Novembro de 1918, dia da declaração do armistício da guerra iniciada em 1914.

Recebi a notícia no mar através da T. S. F., navegando com umas dezenas de navios aliados comboiados por navios de guerra ingleses e americanos.

Tendo partido da América do Norte, estávamos a poucos dias da Inglaterra, para onde nos dirigíamos. Nesse mesmo dia — antes da notícia do armistício — o comboio de navios fora atacado por submarinos alemães. É impossível descrever esta cena, porque não quero reviver a tragédia, o alvoroço, quando alguns navios entraram para sempre no *seio do mar*, arrastando com eles grande parte das suas tripulações e alguns, as tripulações completas. Num dos navios, o convés cobria-se de cadáveres. Apenas se encontrava vivo o seu capitão que, no seu posto, na ponte de comando se encontrava impávido como se tivesse enlouquecido ou estivesse alheio a tudo que se passava. Continuava imóvel, enquanto o navio ia mergulhando no mar por sofrer grandes rumbos e não ter salvação possível. Os tripulantes de outro navio arriaram uma embarcação e saltaram a bordo com dificuldade porque o navio estava quase todo invadido pelo mar. Dirigiram-se à ponte e quiseram *arrancar* dali o capitão, mas este homem, verdadeira figura dum herói, já que não pôde salvar os seus tripulantes não quis salvar-se também e mergulhou com o seu navio no mar que tantas vezes venceu!

Quando no meu navio cheguei a Inglaterra, ainda se viam horas de verdadeiro entusiasmo, causadas pelo fim da guerra. A população dando largas ao seu entusiasmo, à sua alegria, parecia ter enlouquecido e eu compartilhei com ela, sentindo vontade de gritar

bem alto, de maneira que todos os povos do mundo me ouvissem, lançando palavras de maldição a esse monstro chamado «guerra».

Quarenta e quatro anos são decorridos e ao lembrar-me desse *verdadeiro inferno*, lamento que a palavra guerra ainda ande a bailar nos lábios dalguns homens que talvez possam viver sem coração.

Neste dia, enquanto alguns sobreviventes festejam esta data memorável, em muitos lares onde entrou o luto e a fome, o pão é regado pelas lágrimas de saudade pelos que foram e... não mais voltaram.

Se os que provocam as guerras fossem para a frente das batalhas, decerto não pensariam nelas e a palavra armistício apenas servia para nos mostrar nos dicionários o que ela significa.

Paz aos mortos e glória aos vivos da guerra de 1914-1918.

Mantas Massano

Lotaria Nacional

Principais números premiados na extração de ontem, dia 9:

1.º prémio	15716
2.º "	760
3.º "	33999
4.º "	15079

Carimbos de borracha

Aceitam-se encomendas, de qualquer modelo nesta redacção.

Necrologia

Domingos da Silva Rocha

No dia 6 do corrente, pelas 13 horas, após o almoço e quando retomava o serviço, o operário carpinteiro sr. Domingos da Silva Rocha, de 34 anos, casado, natural e residente em Cacia, foi colhido num arruamento das instalações da Fábrica de Celulose pela camionete SM-15-52, pertencente à firma Gonçalves & Nogueira, de Porto de Raiva (Penacova) e conduzida pelo sr. António Alves de Brito, casado, de Vale de Lagos, do mesmo concelho.

Foi conduzido ao hospital de Aveiro sem sentidos e embora tivesse sofrido fractura do crânio e da bacia e ferida contusa na cabeça, não se esperava que morresse, mas ao fim da tarde do dia seguinte acabou por succumbir naquele hospital.

O seu cadáver foi autopsiado no dia 8 e o funeral realizou-se ontem, pelas 14 horas, para o cemitério paroquial de Cacia.

O extinto, que deixa viúva a sr.ª Maria Leonor Rodrigues Teixeira e na orfanidade dois filhos de tenra idade, era filho do sr. Felisberto da Silva Rocha e de sua esposa sr.ª Enfiã Dias Quarreza, ausentes em Angola.

A toda a família enlutada enviámos sentidos pésames.

CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO

Agradecimento

A Comissão Municipal de Cultura, encarregada das Comemorações do Centenário da Morte de José Estevão Coelho de Magalhães não pode deixar de lembrar com desvanecimento a prestimosa colaboração que muitas pessoas, a imprensa e diversas entidades e colectividades lhe prestaram para bem se desempenhar da sua missão. Por isso mesmo, e no desejo de evitar omissões, agradece publicamente a todos os que auxiliaram a cumprir a difícil incumbência com que a Câmara Municipal de Aveiro a honrou.

Aveiro, 5 de Novembro de 1962

A Comissão

O centenário de José Estevão

Conclusão da 1.ª página

história, como único também é o de ter deliberado a construção de uma estátua a colocar em lugar de honra frente ao Palácio de S. Bento. Pediu, a propósito, que essa estátua fosse reposta no exterior do palácio.

Seguidamente analisou José Estevão como professor, doutrinário, advogado, jornalista, militar e político, facetas que claramente transparecem dos seus inúmeros discursos, artigos e manifestos eleitorais ainda não publicados.

Lembrou a sua fé nos sentimentos da juventude e falou depois das homenagens que todo o Portugal lhe prestou.

Continuando: — «José Estevão empolgou a Nação inteira. Toda ela o conhecia e admirava e respeitava. E agradecida, colocou o seu nome em ruas e praças de cidades, de vilas e de aldeias. Poucos portugueses, postumamente, terão recebido tantas provas de gratidão, tantas e tão significativas e espontâneas homenagens, na sua maior parte vindas das classes populares, as que mais e melhor o compreenderam, o seguiram e o veneraram.

Nesta terra de Aveiro, seu retrato, em fotografia e em desenho e em gravura e sobretudo em louça decorativa, ocupa lugar de honra em centenas de casas, mormente nesses inconfundíveis lares dos nossos pescadores, marceneiros e mercanteiros como vi ainda criança e tanto impressionaram o meu espírito em formação.

O sr. dr. Vale Guimarães, por fim, focou José Estevão como aveirense, recordando os grandes serviços prestados à região e que abriram as grandes coordenadas que transformaram a cidade no que hoje é e no que virá a ser amanhã — ainda maior, mais rica, mais progressiva e mais livre.

E a terminar, afirmou o sr. dr. Vale Guimarães:

— De quanto disse é legítimo concluir que não é um centenário de morte aquele que estamos a comemorar. Ao contrário, festeja-se alguém que, agigantando-se, transcendeu a própria «Bios», a vida no seu sentido biológico.

Crêmo-lo vivo, vivo na lição patriótica, cívica e humana que a todos deu. Vivo na pureza dos

seus ideais e das suas acções. Vivo na sua coerência e na sua subordinação ao direito e à justiça. Vivo, a ensinar-nos a amar mais ainda a nossa Aveiro e por seu intermédio a Pátria, que desejamos una, íntegra e perene. A pedir-nos a todo o momento que amemos mais ainda a tolerância, a generosidade, a paz, a ordem e a liberdade.

Terminada a entusiástica e brilhante oração do sr. dr. Francisco do Vale Guimarães, que foi repetidas vezes cortada por calorosos aplausos, a neta mais nove de José Estevão Coelho de Magalhães, sr.ª D. Maria José da Lemos de Magalhães da Mota, por entre fortes aclamações e enquanto a Banda Amizade tocava o hino de José Estevão — desde há largas décadas considerado o hino da cidade — descerrou uma lápide mandada colocar no sopé da estátua de seu avô, a qual está encimada pelo brasão do concelho e tem a seguinte legenda: «A José Estevão Coelho de Magalhães, no centenário da sua morte, homenagem do povo de Aveiro e seu município — 1862-1962».

Terminados estes actos, reorganizou-se o cortejo, que seguiu com a mesma ordem para o cemitério central, em romagem ao jazigo do grande orador parlamentar. Ali, todos os elementos que tomaram parte no cortejo desfilaram para te um túmulo mandado construir pelas netas de José Estevão, em celebração do centenário e para onde foram há dias trasladados os restos mortais do egregio aveirense e de sua esposa.

Naquele mausoléu foi colocada uma lápide com a seguinte inscrição: «José Estevão Coelho de Magalhães — 1809-1862 — Apóstolo fervoroso e incansável do Progresso, consagrou-lhe toda a sua existência; serviu a Pátria com exemplar desinteresse, engrandecendo-a com os recursos do seu grande génio — Foi modelo de amor filial, bom esposo e bom amigo. — A sua alma descanse em Paz, no seio de Deus».

Ao princípio da noite, com a assistência de numerosas entidades oficiais, foi inaugurada a iluminação da estátua, que fica agora com muito mais realce durante a noite. Nesta cerimónia a Banda Amizade tornou a tocar o hino de José Estevão perante centenas de pessoas que a ela assistiram de cabeça descoberta.

Pelas 10 horas, na presença das autoridades e de numerosas outras pessoas, foi celebrada missa de sufrágio por monsenhor Aníbal Ramos, reitor do Seminário de Santa Joana Princesa, na Sé Catedral.

Devido à falta de espaço, só no próximo número relataremos as cerimónias efectuadas no último domingo.

Grupo Musical Caciense

A Comissão Administrativa desta colectividade, no uso pleno dos seus direitos e responsabilidades, vem comunicar publicamente a sua resolução de pôr à venda, a partir de 31 do corrente, todo o instrumental pertencente à Banda do Grupo Musical Caciense, comprado e pago por esta mesma Comissão.

Esta resolução foi tomada em virtude de haver necessidade de liquidar todos os compromissos tomados.

No entanto, esta Comissão está na disposição de entregar a qualquer pessoa idónea todo o instrumental da Banda, desde que os compromissos sejam assumidos pela pessoa ou pessoas que tomarem a seu cargo a reorganização desta colectividade.

A Comissão

A FAMEL POUPA-LHE DINHEIRO

FORNECENDO-LHE UM TRICICLO PRÓPRIO PARA TRANSPORTE DE MERCADORIAS

CÓMODO RAPIDO ROBUSTO

BAIXO CONSUMO ISENTO DE CARTA ASSISTÊNCIA TÉCNICA GARANTIDA



MOTOR DKW, COM TURBINA D'AR E 4,2 H.P. DE FORÇA
MEDIDA DA CAIXA — 100x100 cm
PNEUS 350x8 — CARGA ÚTIL — 150 Kgs.

FABRICA DE PRODUTOS METALICOS, LD.ª "FAMEL"
Tel. 59291-2 — P.B.X. — SEDE ÁGUEDA

Veja as motorizadas "FAMEL" :: Modelos 1963

Confie os seus capitais a

PINTO DE MAGALHÃES

BANQUEIROS

estão seguros e rendem sempre mais



PORTO — Rua de Sá da Bandeira, 53
Telefone, 20133 P.P.C.A.

LISBOA — Rua do Ouro, 95-99
Telefone, 366056 P.P.C.A.

ARCOS DE VALDEVEZ - AMARANTE - VILA DA
FEIRA - FATIMA - TOMAR - PENICHE - ELVAS

CORRESPONDENTE NO BRASIL

Casa Bancária PINTO DE MAGALHÃES, L.^{da}
RUA DO OUVIDOR, 86 - RIO DE JANEIRO

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Correspondente em Cacia

Centro Comercial Caciense

Manuel Duarte Ramos

Agente Técnico de Engenharia

Projectos de construção civil e Obras Públicas
Redes de Esgotos — Distribuição de águas
Cálculo de betão armado — Estruturas metálicas
Levantamentos topográficos — Minas

Rua do Mercado, 92 - 2.º AVEIRO

HERPETOL

Para as doenças de pele



Uma gota de HERPETOL e o seu desejo de co-
zar passa. A comichão desaparece como por encanto.
A irritação é dominada, a pele é refrescada e ali-
viada. Os alívios começaram. Medicamento por exce-
lência para todos os casos de eczema húmido ou
seco, crostas, espinhas, erupções ou ardência na pele.

A venda em todas as farmácias

Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca, L.^{da}

Rua da Prata, 237 - LISBOA (70)

CASA MENDES

de: Alvaro Soares Mendes

Rua da Fonte — ANGEJA — Telef. 91163

MERCEARIA — VINHOS E COMIDAS

ESPECIALIDADE EM LEITÃO ASSADO

Oficina de tanoaria e carpintaria mecânica

Casa de mobílias completas e avulso — Materiais de
construção: telha, tijolo, ferro, cimento, cal, etc.
Madeiras aparelhadas e em pélo e vidros.

Pregos e diversos artigos de ferragens

Agência Funerária Capela

de AMÉRICO DIAS CAPELA

Funerais
dos mais
modestos
aos mais
luxuosos



Auto-Fúnebre de Luxo com lugares

Traslada-
ções para
todos os
cemitérios
do País

Rua Vicente de Almeida de Eça, 35 a 39

Garagem e Armazém: Travessa do Cabeço, 10 a 14
AVEIRO Telefone permanente 23304 ESGUEIRA

Agência Funerária Ferreira da Silva

ANEXA AO «HORTO ESGUEIRENSE»

Telef. 22415 — ESGUEIRA — AVEIRO

A mais completa no género

Encarrega-se de todos os serviços fúnebres dos mais
modestos aos de maior pompa

Serviços para toda a parte do País

Confeccionam-se os mais lindos bouquets de flores naturais
e artificiais, os mais finos ramos de noiva, etc.



Oficina de Serralharia Mecânica

DE

António Pereira dos Santos

Rua das Cardadeiras, 45 — Telef. 22683

ESGUEIRA — AVEIRO

Agente dos motores a gasoil "PETTER"

Motores eléctricos e a petróleo

Grupos electro e moto-bombas

Bombas — Moagens

Máquinas agrícolas e de construção

Todas as reparações

Agência de Viagens

Telef. 22940 Costa & Irmão, L.^{da}

Rua Gustavo Ferreira Pinto Basto, 47 — AVEIRO

Bilhetes marítimos para todas as Companhias

Bilhetes de Avião para Estudantes, com desconto

Bilhetes de Avião (a prestações)

Viagens individuais e colectivas — Excursões

Reservas de quartos em Hotéis — Vistos consulares

Embarques rápidos para África

Sapataria Confiança

Rua Vasco da Gama — CACIA — Telef. 91127

Grande sortido de calçado novo para homem e senhora.

Executam-se todos os consertos com perfeição e rapidez.

Secção de camisaria e chapelaria

Camisas, Chapéus e boinas das melhores marcas.

Móveis e louças

Mobílias completas, móveis avulso, louças de esmalte,
alumínio e barro, etc., em grande variedade.

Bicicletas

RALEIGH — 1.770\$00

ATLANTIC — 954\$00

Peçam etiquetas

Armando Crespo & C.^o

R. do Crucifixo, 116 a 124
LISBOA — Telef. 27027



Empresa Industrial de Tintas, L.^{da}

Escritório e Fábrica R. da Cascalheira, 33 — LISBOA

Telefone 638006

Agente no Norte do País Guilherme M. Coelho

RUA DA VITÓRIA; 56 — PORTO

Esta fábrica produz as melhores e as mais baratas tintas de
impressão em cores e preto; massas para rolos e vernizes
tipo-litográficos 163

Agência Funerária Carvalhal

(A mais antiga da Região)

ANTÓNIO MARQUES DA CUNHA

Rua da República — CACIA — Telef. 91210

ARMAÇÕES DE LUTO E GALA

Trata de funerais dos mais modestos aos de mais luxo

e de transladações para qualquer parte do País.

Urnas para jazigo e para a terra, coroas e outros artigos

fúnebres, a preços sem competição.

Encarrega-se de auto-fúnebre para todos os serviços.

Vinício

TAÇAS DESPORTIVAS

JOIAS — OURO

PRATAS — RELÓGIOS

Telef. 22119

Oficina

Rua Conselheiro Luís de Magalhães — AVEIRO

"CONSTRUTORA"

de: ANTÓNIO FRANCISCO NETO

Oficinas mecânicas de construção de bombas, aspirantes e aspi-
rantes prementes, em lualite e fibrocimento, com adaptação
de cilindros de vidro e em aço inox, para extração de
águas de poços, líquidos de nitréiras e artesanais

Encarrega-se da sua montagem em qualquer ponto do País

Reparações :::: Trabalhos garantidos

Apartado 58 — Telef. 28529 — VERDEMILHO — AVEIRO

Automóveis de aluguer

de

António Ferreira da Costa

SERVIÇO PERMANENTE

Com praça em Aveiro e em Cacia

Telefones: Praça de Aveiro n.º 22309

Praça de Cacia n.º 91217

CICLO NOVA REPARADORA

= DE =

António de Jesus Almeida

(O ESTRAGA)

Olho de Agua — Esgueira — AVEIRO

Oficina de Reparações de Bicicletas e Motorizadas

BICICLETAS — MARTANO —

Vendas a pronto e a prestações